

LEVANTAMENTO FLORÍSTICO DAS ESPÉCIES TREPadeiras NO CORREGO CARACU, PORTO RICO, PR.

Luiz Antonio Frazatto Fernandes (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Geovana Gentilin
Martins (Co-autora), Mariza Barion
Romagnolo (Orientadora), Kazue Kawakita (Coorientadora), e-mail:
luhpeacexp@gmail.com , mbromagnolo@uem.br, kazue@nupelia.uem.br,
geeovana.martins@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Biológicas e da
Saúde/Maringá, PR.

Área de Ciências Biológicas e subárea Botânica

Palavras-chave: Alto Rio Paraná, Floresta Estacional Semidecidual,
Vegetação Ripária.

Resumo: Considerando-se a importância das trepadeiras para a estrutura da vegetação ripária, objetivou-se fazer um levantamento florístico das espécies de trepadeiras do córrego Caracu, município de Porto Rico, Paraná, Brasil. O material botânico, coletado em diversas expedições e acervado no Herbário do Nupélia (HNUP) foram identificados por comparação com outros exemplares, sendo utilizada também literatura específica e consulta a especialistas. Foram registradas 52 espécies, 40 gêneros e 24 famílias. As famílias que apresentaram uma maior diversidade específica foram Bignoniaceae (7), Fabaceae (6), Malpighiaceae (6) e Sapindaceae (4), totalizando 44,23% das espécies. O córrego Caracu apresentou grande diversidade de famílias de trepadeiras em comparação ao levantamento florístico de espécies arbóreas da mesma área, mostrando a contribuição das trepadeiras para a estrutura florestal ao longo do riacho. A perturbação antrópica, pode ter influenciado a ocorrência de espécies, visto que estas são plantas heliófilas e em locais com uma estrutura vegetal aberta podem se tornar abundantes devido ao seu crescimento rápido. Quanto à síndrome de dispersão, notou-se a predominância de espécies anemocóricas (28), seguido de zoocórica (16) e autocórica (7).

Introdução

As matas ciliares são formações vegetais que possuem uma importante função, visto que esta se encontra ao longo de cursos d'água, estas matas, acabam por preservar o curso d'água em que se encontra, equilibrando os fatores bióticos e abióticos, permitindo assim que o local seja capaz de

manter-se, desenvolver-se ou se regenerar. A conservação destas áreas é essencial para a manutenção dos cursos d'água, principalmente no caso de riachos, visto que estes são mais suscetíveis à erosão, devido ao seu tamanho pequeno, o que pode acabar causando o assoreamento do curso d'água. O córrego Caracu já sofreu e vem sofrendo perturbações antrópicas devido a sua localidade, por isso a necessidade de estudos que visam o conhecimento da flora local. O levantamento florístico foi realizado para que se conheça a flora local, que, além de servir como subsídio para futuros trabalhos que visem compreender como a mata está mudando com o passar dos anos, também observar como o ambiente está se comportando diante as perturbações que ocorrem no local.

O presente trabalho objetivou a florística de espécies trepadeiras visto que estas são frequentemente coletadas, porém os trabalhos anteriores buscavam a florística de outros hábitos. Também foi identificando a síndrome de dispersão das espécies coletadas.

Materiais e métodos

Área estudada

O estudo foi realizado no córrego Caracu (22º 45' S/ 53º 15' W), afluente de 2º ordem da margem esquerda do alto rio Paraná, inserido na Planície de Inundação do Alto Rio Paraná (PIAP). Localizado no município de Porto Rico, Paraná, Brasil.

O clima da região, segundo Köppen-Geiger é do tipo subtropical, Cfa com geadas poucos frequente, verão quente e inverno seco (ALVARES et al., 2014). O solo da margem esquerda é constituído por arenitos consolidados da Formação Caiuá e a cobertura vegetal encontrada está inserida no bioma Mata Atlântica, entre o domínio da Floresta Estacional Semidecidual (RODERJAN et al., 2002).

Procedimentos

Em campo, o levantamento florístico foi realizado, utilizando o método do caminhamento, onde se faz uma caminhada aleatória seguindo a margem do riacho, onde foram coletadas espécies que apresentassem flor ou fruto, quando necessário se coletava material vegetativo para registro do táxon. O material coletado foi herborizado seguindo técnicas usuais, também foi utilizado materiais que já haviam sido coletados em expedições anteriores (1989 a 2017) acervados no Herbário do Nupélia (HNUP). A identificação dos materiais foi realizada por meio de comparação com materiais que já haviam sido identificados por especialista, bem como o uso de bibliografia especializada, sites específicos e quando necessário fazia-se a consulta com especialistas. Neste estudo foram consideradas todas as espécies trepadeiras, tanto as trepadeiras herbáceas quanto as trepadeiras lenhosas. As espécies foram classificadas em relação a síndrome de dispersão de

acordo com (VAN DER PIJL, 1982). A escrita dos nomes científicos e o status de nativa ou naturalizada foi conferido pelo site da flora do Brasil.

Resultados e Discussão

Foram registrados 23 famílias, distribuídas em 39 gêneros e 51 espécies. As famílias mais representativas quanto a diversidade de espécies foram Bignoniaceae (7), Fabaceae (6), Malpighiaceae (6) e Sapindaceae (5), totalizando 45,09% das espécies, o que se confirma com outros trabalhos realizados em Florestas Estacionais Semidecíduais, que também possuem as famílias Bignoniaceae, Fabaceae Malpighiaceae e Sapindaceae como as mais representativas (REZENDE e RANGA, 2005).

Dentre os gêneros, as maiores riquezas foram representadas por *Serjania* (3) e *Passiflora*, seguido de *Mikania* (2), *Adenocalymma* (2), *Fridericia* (2), *Ipomoea* (2), *Macroptilum* (2), *Rhynchosia* (2), *Heteropterys* (2) e *Smilax* (2). Quanto ao endemismo, quase todas as espécies foram consideradas nativas, com exceção da *Condylocarpon cf. isthmicum*, *Momordica charantia* e *Macroptilium atropurpureum*, que são naturalizadas.

A alta diversidade encontrada pode ser influenciado pela própria característica do ambiente, visto que o local se encontra degradado devido a perturbações antrópicas e/ou naturais, e que tais perturbações acabam por aumentar as clareiras e bordas em florestas, permitindo assim que tais espécies se desenvolvam (MORELLATO e LEITÃO FILHO, 1996). O clima acaba por influenciar no desenvolvimento e manutenção de espécies trepadeiras no ambiente, visto que em estações secas como o inverno, espécies de hábito trepador crescem muito mais em altura do que as árvores. Quanto à síndrome de dispersão notou-se uma predominância de espécies anemocóricas (28), seguido de zoocóricas (16), autocóricas (7). grande número de espécies com síndrome de dispersão anemocórica, esta relacionado com a forma de dispersão das famílias de maior representatividade como no caso de Bignoniaceae, Malpighiaceae e Sapindaceae. O clima também faz com que a anemocoria seja mais frequente, pois em períodos de seca em que as arvores perdem suas folhas, acabam por aumentar a frequência e a velocidade dos ventos.

Conclusões

A florística desempenha um papel fundamental na compreensão e conhecimento das espécies do local estudado. O estudo de espécies trepadeiras é importante, pois este tipo vem sendo estudado há pouco tempo quando comparado com espécies arbóreas e tendo em vista de que as pressões realizadas pelas trepadeiras acabam por moldar a estrutura florestal. A florística destas espécies poderá a vir a ser utilizado para trabalhos futuros de conservação, para ajudar na compreensão da flora local e sua estrutura. Algumas espécies tiveram mais ocorrências ao longo do

córrego, o que pode ser devido à síndrome de dispersão anemocórica, visto que as famílias de maior representatividade foram Bignoniaceae, Malpighiaceae e Sapindaceae.

Agradecimentos

Ao CNPq-PIBIC/UEM, a minha orientadora, coorientadora, todos os envolvidos do laboratório de vegetação ripária e à organização do evento.

Referências

ALVARES, C. A., STAPE, J. L., SENTELHAS, P. C., GONÇALVES, J. L. M.; SPAROVEK, G. Köppen's climate classification map for Brazil. **Meteorologische Zeitschrift**, v. 22, n. 6, p. 711-728, 2014.

MORELLATO, P. C.; LEITAO-FILHO, H. F. Reproductive phenology of climbers in a southeastern Brazilian forest. **Biotropica**, p. 180-191, 1996.

REZENDE, A. A.; RANGA, N. T.. Lianas of estação ecológica do Noroeste Paulista, São José do Rio Preto/Mirassol, SP, Brazil. **Acta botanica brasílica**, v. 19, n. 2, p. 273-279, 2005.

RODERJAN, C. V. et al. As unidades fitogeográficas do estado do Paraná, Brasil. **Ciência & Ambiente**, v. 24, n. 1, p. 75-92, 2002.

VAN DER PIJL, L. Principles of dispersal. **Berlin: Springer**, v. 10, p. 978-3, 1982.